

A MODALIDADE NO GERUNDISMO

Patrícia Graciela da Rocha (UFSC/UFMS)¹

RESUMO: Neste trabalho discutimos algumas questões sobre as expressões de futuridade no português brasileiro (PB) e sobre o gerundismo. Posteriormente, levantamos algumas discussões sobre a modalidade presente nessas expressões numa perspectiva funcional com o objetivo principal de verificar qual a interpretação do ouvinte para a perífrase *ir + estar + GER* levando em consideração graus de comprometimento e de polidez sugeridos por Possenti (2005).

PALAVRAS-CHAVE: Gerundismo, modalidade, polidez, comprometimento.

ABSTRACT: *In the present paper, we aim at discussing some questions about future expressions in Brazilian Portuguese (BP) concerning the gerund. In addition, we introduce some postulations about the modality presented in the expressions in a functional approach to seek for verifying what the listener's interpretation to the use of ir+estar+GER. We based the last discussion on Possenti (2005).*

KEYWORDS: *Gerund, modality, politeness, compromise.*

1 Introdução

Por que, na opinião de alguns, os operadores de telemarketing parecem ser os maiores usuários do gerundismo? Qual seria a função lingüística desse tipo de construção perifrástica? Alguns autores defendem a tese de que a perífrase seria uma forma polida de falar e de que essa polidez interessaria sobremaneira aos profissionais do telemarketing. Ao que tudo indica, contudo, essas construções gerundivas não estão sendo percebidas pelos interlocutores (notadamente clientes do telemarketing) como uma forma de polidez. Observações empíricas permitem propor que há, pelo menos, duas interpretações para esse uso, atribuídas pelo ouvinte: uma delas é a de que não existe nenhum comprometimento e/ou grau de certeza, por parte do falante, de que a ação vai ser levada a cabo; a outra interpretação, aparentemente menos recorrente, é a de que o atendente está tão interessado em resolver o nosso problema que começará a executar a ação a partir do “agora” de sua enunciação, tendo esse “fazer” uma certa

¹ Doutoranda em Linguística da UFSC e Professora Assistente da UFMS.

continuidade.

As interpretações descritas acima sugerem a seguinte hipótese: (i) do ponto de vista do falante, trata-se de um uso que envolve polidez na forma de se dirigir ao interlocutor; (ii) do ponto de vista do ouvinte, há graus de comprometimento e/ou certeza envolvidos naquilo que o falante transmite. Ou seja, estamos frente a um caso de modalidade. Mas onde exatamente estaria essa modalidade? No gerúndio simplesmente? No verbo (*ir* + INF)? Ou na perífrase inteira? E se ela está aí, de que tipo de modalidade estamos tratando, deôntica ou epistêmica?

A fim de tentar responder a algumas das questões acima mencionadas, este trabalho *vai estar descrevendo*, inicialmente, um pouco do que já foi pesquisado no âmbito dos estudos linguísticos, sobre as expressões de futuridade no português brasileiro (PB) e, conseqüentemente, sobre o gerundismo, para, posteriormente, levantar algumas discussões sobre a modalidade presente nessas expressões numa perspectiva funcional. Portanto, este estudo tem como objetivo principal verificar qual a interpretação do ouvinte para a perífrase *ir* + *estar* + GER.

2 Revisão de Literatura

Embora se perceba que o assunto Gerundismo seja bastante discutido em vários setores da nossa sociedade, o número de pesquisas linguísticas densas acerca do assunto ainda é pequeno, o que pode ser atribuído à (suposta) novidade do fenômeno ou à dificuldade de captar dados de fala real com essa construção. No entanto, alguns estudiosos têm se aventurado a descrever esse fenômeno conforme brevemente resenhado a seguir².

Almeida Santos (2008) estudou a variação entre as expressões de futuro (a perífrase formada por *estar* + GER – *estarei enviando* e a perífrase formada por *ir* + *estar* + GER – *vou estar enviando*) e outras mais antigas, nos discursos disponíveis no *site* do Senado Federal e em programas de televisão como o Pânico e Transalouca, das redes Jovem Pan e Transamérica

² Tafner (2004), em seu estudo sobre as formas de expressão do futuro – encontradas nos discursos das Assembleias Legislativas dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – considerou o futuro perifrástico *vou fazer* e o futuro simples perifrástico *irei fazer* contrastando-os com as formas que contêm gerúndio e que apresentam o verbo *estar* na forma de futuro simples, de futuro perifrástico e de presente (respectivamente, *estarei fazendo*, *vou estar fazendo* e *estou fazendo*), mostrando a íntima relação entre Tempo, Aspecto e Modalidade. Entretanto, o *gerundismo* não constituiu o cerne da sua análise, mesmo porque a autora encontrou pouquíssimas ocorrências nos dados analisados.

respectivamente. A autora analisou também dados de escrita provenientes de boletins da UnB, dados de fala informal extraídos dos programas de rádio do canal Transamérica e, ainda, outros dados de fala formal, a maioria coletada mediante observação participante.

Os fatos analisados pela autora configuram indícios de que o gerundismo, ou seja, construções como “*eu you tá ligando pro motoqueiro e you tá avisando pra ele tá dando preferência pra entrega da senhora” variando com “*eu you ligar pro motoqueiro e you avisar pra ele dar preferência pra entrega da senhora*” mostram que há contextos diversos de infinitivo que têm dividido espaço com construções gerundivas.*

No que diz respeito ao gerundismo, como no caso de “*eu you tá ligando pro motoqueiro*”, de acordo com a autora, a real novidade está ligada à interpretação aspectual do verbo principal da perífrase no sentido de que ocorre uma “tensão” entre o aspecto durativo presente na composição *estar + gerúndio* e a falta dessa idéia de duração no verbo.

De acordo com Almeida Santos (2008), o falante que reprova o gerundismo dá a prova mais contundente de que essa é, sim, uma forma alternativa de indicar o futuro quando diz: “ *você não precisa dizer eu you estar enviando seu cartão. Basta você dizer eu you enviar seu cartão*”. Quando faz isso, esse falante coloca, senão em situação de igualdade, pelo menos de equivalência, as duas formas, atestando que, a despeito da polêmica na definição da variável sociolinguística no nível da sintaxe (cf. LAVANDERA, 1978, por exemplo), essas variantes estão, no fundo, dizendo a mesma coisa.

Além disso, a autora menciona que não há como sustentar que o gerundismo é um erro por transformar em durativa uma situação pontual ou indicar iteratividade onde ela não poderia ocorrer. Não é isso que o falante intenciona, nem é isso o que o interlocutor entende, pois o traço [± durativo] já nasce ligado à idéia do verbo. Ou seja, o traço [± durativo] estabelece certas restrições de compatibilidade ou não com outros traços aspectuais do enunciado. Então,

se o falante está utilizando na sua enunciação o verbo *quebrar*, que é um exemplo de ato, logo um tipo de entidade de segunda ordem que porta o traço [-durativo], ele fica restrito quanto à referência à constituição temporal interna do fato, visto que normalmente um *ato*, por ser instantâneo, não pode ser imaginado como compreendendo frações temporais dentro de seus limites. Em outras palavras, *quebrar* não tem constituição temporal interna, não “dura” no tempo. E, se “transferir uma ligação” ou “enviar um e-mail”, como *quebrar*, não têm

constituição temporal interna, não duram no tempo, não é a forma de referir esses fatos que vai mudar a idéia que se faz deles. É preciso considerar que, na indicação do futuro, *estar* + gerúndio podem estar deixando de marcar Aspecto. (COSTA apud ALMEIDA SANTOS, 2008, p. 39)

Cintra (2008) estudou o uso crescente da perífrase como um indício de inovação no quadro das perífrases relacionadas à expressão da futuridade. Fato que, para ele, se associa a tendências em curso no PB contemporâneo, dentre elas, o uso cada vez mais recorrente de construções que envolvem *ir* + GER; sendo que, nesse contexto de tendências em curso, *ir* + INF + GER passa a co-ocorrer com mais frequência ao lado de *ir* + INF, por exemplo. Com base em entrevistas do banco de dados IBORUNA, o autor percebeu que o gerundismo tende a se atualizar em textos marcados pelo caráter opinativo do interlocutor, principalmente aqueles predominantemente dissertativos (relatos de opinião), em que o falante avalia, conceitua, expõe idéias para dar a conhecer. O autor verificou também que um dos momentos mais comuns em que a perífrase se atualiza é no fecho do tópico discursivo, o que, nos dados analisados, está relacionado a uma atitude comprometida do locutor com o seu dizer.

Souza (2008) discutiu o gerundismo ao analisar o uso das construções perifrásticas no discurso de professores do estado do Rio Grande do Norte. Ele gravou as falas de dez professores em sala de aula, do ensino fundamental à graduação, a fim de investigar a frequência do uso das categorias gerundivas em foco. O seu objetivo era constatar se há tendências à rotinização das mencionadas estruturas no discurso de professores em detrimento das formas verbais sintéticas do futuro com as quais concorrem.

Em sua análise, o autor constata que há uma probabilidade de aceitação da forma perifrástica *ir* + INF + GER entre os professores, inclusive o professor universitário, responsável pela formação do próprio professor. De acordo com o autor, o que se nota é que esta forma, dado o seu aspecto durativo, parece soar mais gentilmente, sobretudo porque aparenta também ser mais inovadora.

Além disso, o autor menciona que a forma gerundiva pode estar servindo aos propósitos de muitos falantes em situações comunicativas. Isso sugere que a forma aparentemente nova pode ter força de recorrência do uso, uma vez que o falante se sente movido a usar a forma perifrástica em detrimento da sintética, talvez porque encontre outras compensações que não são encontradas

no futuro sintético, forma esta mais neutra, por exemplo. Por fim o autor ressalta que o caminho de mudança e aceitação da forma em análise, por parte dos falantes, pode ser indício de possível gramaticalização.

Serafim (2008) estudou o gerundismo partindo da hipótese de que não se trata de um fenômeno exclusivo dos profissionais de telemarketing, ou seja, os operadores de teleatendimento. Para isso, ele buscou investigar esse fenômeno com o suporte metodológico do *Corpus do Português*, base de dados de 45 milhões de palavras disponibilizado na Internet. Com o intuito de reafirmar uma suspeita inicial de que o gerundismo vem co-ocorrendo com as perífrases sintéticas do verbo, o autor criou, para a pesquisa, um corpus de controle, extraído de entrevistas publicadas nos jornais online *A Tarde* e *Correio da Bahia*, ambos da cidade de Salvador (BA).

A partir da análise desses dados, o autor concluiu que o gerundismo não é um fenômeno novo, mas patente desde cedo na língua portuguesa, ainda que sua frequência tenha se ampliado sobremaneira a partir do século XX. Ele ainda sugere que o gerúndio não é o “causador” do estranhamento inicial que essas estruturas carregam, mas, sim, o verbo *ir*, que adquiriu um caráter morfemático de futuro, em prol de uma tendência mais analítica do português, na contramão das construções sintéticas do verbo *estar* (no futuro do presente ou do pretérito) + o gerúndio de outro verbo³.

Menon (2004), em um trabalho que investigou as ocorrências do gerúndio do século XV ao XXI, comenta que a questão do gerundismo pode se resumir ao fato de que o futuro simples *farei* está desaparecendo do português brasileiro enquanto o futuro perifrástico *vou fazer* tem se tornado a forma preferencial na expressão do futuro. Nesse rearranjo, a única diferença entre a “construção corretíssima e antiga” (de acordo com a autora) – “*Amanhã, a essa hora, estaremos tomando sol na praia*” e a construção “*Amanhã, a essa hora, vamos estar tomando sol na praia*” – é a expansão de *estaremos* para *vamos estar*, uma vez que o gerúndio presente nas perífrases é

³ O autor levanta a hipótese de que, em vez de se tratar de gerundismo, talvez seja um caso de *irismo* ou de *irindo*, ou seja, assim como o gerúndio não deve carregar o estigma da estrutura, não seria justo legar somente ao verbo *ir* essa responsabilidade. Por isso ele propõe a denominação de *irindo*, em que pese uma análise não apenas do gerúndio nessas construções – como os gramáticos fazem quanto a questões de natureza aspectual, em que condenam um determinado verbo por possuir características de perfectividade que contrastam com o aspecto imperfectivo do gerúndio – mas, também, do verbo *ir*, em que ambos assumiriam a mesma responsabilidade pela estigmatização.

exatamente o mesmo.

Para ilustrar a construção mencionada acima, a autora utiliza um exemplo da 3ª edição da *Syntaxe Histórica Portuguesa* (ainda do ano de 1954), em que Epiphânio Dias (1954), ao falar do Futuro Imperfeito, afirma que estados são homogêneos porque não admitem interrupção. Sendo assim, de acordo com a autora, para exprimir a ação começada emprega-se, em geral, a perífrase do verbo *estar* com o presente infinitivo precedido de *a*, ou com o particípio em *-ndo*: *Amanhã a estas horas estarei a jantar* ou *estarei jantando*.

Para a autora, as perífrases com gerúndio podem indicar tanto duração como pontualidade. Ela acredita que as perífrases formadas por *ir* + GER expressam o presente rigoroso da ação, tanto para verbos cuja semântica seja de duração quanto para verbos cuja semântica seja de pontualidade. De acordo com esse ponto de vista, se a perífrase do presente que indica ação no PB contemporâneo é expressa por *estar* + GER, independentemente da tipologia aspectual do verbo – sinal de que até verbos de semântica de curta duração se combinam com a duratividade do gerúndio – a polêmica em relação ao gerundismo não teria razão de ser.

Quanto ao preconceito sofrido pelo gerundismo, Menon (2004) entende que o estigma se deve ao fato de que só se aceita como interpretação possível para as perífrases com gerúndio aquela em que a acepção de duração casa com a semântica de duração do verbo. Ela explica: “O que nos parece que está acontecendo é que existe, da parte de muita gente, uma leitura linear e exclusiva somente do *aspecto durativo* da forma de gerúndio e se ignora a outra” (p.224).

Essa explicação de Menon está de acordo com o que afirma Possenti (2005) ao falar sobre os “problemas” do gerundismo, em que há: incompatibilidade entre o sentido durativo do verbo *estar* e a ausência de tal sentido no verbo principal. Ou seja, se a construção *estar* + GER incluir um verbo com o traço de duração ou de processo em seu sentido, ela será perfeitamente normal. É que, se *estar* é um verbo auxiliar durativo, só pode(ria) ocorrer com verbos durativos. Ocorrendo com outros, o resultado causa estranheza, uma espécie de paradoxo. Então, é por isso que *vou estar morando em S. Paulo* não é uma construção que soa estranha aos falantes/ouvintes do PB, mas *vamos estar enviando seu novo cartão* é.

Das explicações e dos exemplos de Possenti e de Almeida Santos, pode-se concluir que os

gerundismos “corretos”, “apropriados”, “antigos” ou “naturais” são aqueles que têm como verbo principal verbos de processo, os do tipo sem delimitação temporal. Portanto, essas perífrases não sofrem estigma, ou pelo menos não são alvo de críticas mais severas. Entretanto, o mesmo Possenti (2008) afirma que

tal construção está em perfeito acordo com a sintaxe do português: sua ordem é ir + estar + ndo. Portanto, do ponto de vista estritamente sintático, não há nada demais com o chamado gerundismo. Sua estrutura é perfeitamente regular: cada verbo está na posição e forma em que estaria se, ao invés de aparecer numa trinca, aparecesse numa dupla (vou sair, vou estar, estou dormindo, estar dormindo). (POSSENTI, 2008, p.2)

Sobre o significado do gerundismo o mesmo autor comenta:

Vejamos agora o que a construção significa [...] geralmente, a forma com estar + gerúndio veicula um aspecto durativo, ou seja, expressa um evento que não é instantâneo. Para que a menção de “aspecto durativo” não pareça estranha, lembre-se que o imperfeito do indicativo, uma forma bem conhecida, apresenta esse mesmo efeito de sentido: formas verbais como amanhecia e pintava referem-se a eventos ou ações que não são instantâneas, que têm alguma duração. Ora, não só os morfemas (desinências) verbais indicam aspecto: às vezes, ele faz parte da semântica da própria palavra. Por exemplo, dormir, estudar (no sentido de ‘fazer um curso’, como em estudar medicina), morar (em uma cidade) são durativos. Estar também é durativo: é um verbo de estado, de estado transitório (lembre-se da famosa frase de Eduardo Portela: não sou ministro, estou ministro), mas de estado. Nem todos os verbos são durativos, evidentemente: enviar, providenciar, decidir, entre centenas de outros, não o são (e nenhum dicionário informa...). Se não considerarmos o aspecto dos verbos, não entenderemos por que um caso de “gerundismo” pode ser normal e outro não. (POSSENTI, 2008, p.3)

Por fim, o autor salienta que, por causa do chamado aspecto durativo, não é a mesma coisa dizer, por exemplo, *vou dormir* e *vou estar dormindo*. Segundo o autor, a diferença está exatamente entre *ir* (que marca só futuro) e *ir + estar* (que marca futuro, por causa de *ir*, e “duração”, por causa de *estar*). Dito isso, “uma informação como vou estar providenciando, que ouvimos eventualmente da empresa de cujos serviços estamos reclamando, significa, entre outras coisas, que a providência não será instantânea...” (POSSENTI, 2008, p.4).

Para finalizar a discussão, Possenti (2008) toca em outra questão, a do compromisso expresso em *vou providenciar* que é mais incisivo do que em *vou estar providenciando*. Vejamos:

É mais incisivo dizer *providenciarei* do que dizer *vou providenciar* [...] há outro efeito de sentido importante, agora de cunho pragmático ou interpessoal. A construção gerundiva conota gentileza, formalidade, deferência (se verdadeira ou simulada, não importa). Ou seja: bem ou mal, mesmo que se trate de postergar um serviço urgente, deve-se reconhecer que a recusa, pelo menos, é expressa de forma não grosseira (nem mesmo franca, de fato). Suponhamos que seja verdade que o fenômeno começou a se espalhar a partir do telemarketing. Isso só confirmaria a análise. A qual categoria interessa mais ser ou parecer gentil? De quebra, a fórmula é também menos comprometedora [...]. Além dos aspectos acima, seria certamente interessante investigar se a enorme aceitação dessa nova locução não se deve a uma cultura da falta de compromisso, que, eu acho, caracteriza nossa sociedade atualmente. Não seria a primeira vez que se estabelece uma relação estreita entre um aspecto da língua e um traço de cultura ou de ideologia. (POSSENTI, 2008, p.4)

O debate popular sobre o gerundismo ganhou evidência com o Decreto nº 28.314, de 28 de setembro de 2007, do governador do Distrito Federal José Roberto Arruda (DEM) que demitiu o "gerúndio" de todos os órgãos do governo. O decreto com a nova medida também proibiu o uso do gerúndio por desculpa de "ineficiência":

Decreto nº 28.314, de 28 de setembro de 2007.

Demite o gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O governador do Distrito Federal, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1º - Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2º - Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119º da República e 48º de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u333074.shtml>

Este decreto gerou muita discussão em toda mídia nacional e teve grande repercussão social, evidenciando que a opinião pública parece ter sacramentado o aspecto de descomprometimento e ineficiência do gerundismo.

3 Metodologia

Diante do exposto, podemos perceber que não é uma tarefa simples apresentar indícios ou

evidências que contribuam para a interpretação de uma estrutura de gerundismo. A proposta deste trabalho é tentar entender que tipo de modalidade poderia estar envolvida nessa construção de natureza sintático-semântico-pragmática e como ela é percebida pelo interlocutor.

Para isso, utilizaremos testes de avaliação linguística para verificar os graus de comprometimento, de formalidade⁴ e de polidez que os falantes atribuem às formas de futuro.

Nesse teste, os entrevistados deveriam assinalar ao lado de cada enunciado a sua impressão sobre o grau de comprometimento e polidez que vai de 1 (grau máximo de comprometimento/polidez) a 6 (grau mínimo de comprometimento/polidez).

Esses testes foram aplicados a 68 pessoas, alunos e funcionários da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), todos graduandos, graduados ou pós-graduados nos cursos de Letras/Português/Espanhol, Matemática, Pedagogia, Biologia, Administração, História, Direito, Biblioteconomia e Informática.

O objetivo do teste é averiguar as hipóteses sugeridas por Possenti (2008). Depois dos testes concluídos, contabilizamos os dados com os graus obtidos em cada enunciado e descrevemos em tabelas a síntese das informações.

4 Referencial Teórico

Neste trabalho, analisaremos a modalidade segundo Givón (2001). Para esse autor a modalidade codifica a atitude do falante frente ao conteúdo veiculado pela proposição. Comumente, a atitude do falante é dividida em dois tipos de julgamento: i) Julgamento epistêmico – verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência; ii) Julgamento avaliativo (deôntico) – desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.

A modalidade epistêmica tem relação com o conhecimento e crença (em oposição ao fato). Sua origem é usualmente o falante, que conclui a partir de evidências se a proposição é verdadeira ou não. Expressões epistêmicas são usadas para expressar o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição. Segundo Givón (p. 302), a modalidade epistêmica recobre um gradiente de graus de certeza:

⁴ Os dados sobre os graus de formalidade foram descartados neste trabalho por entendermos que estaríamos nos desviando do objetivo central do mesmo.

- a) pressuposição: a proposição é admitida como verdadeira por definição (incontestável);
- b) asserção *realis*: a proposição é fortemente afirmada como verdadeira, mas a contestação é apropriada;
- c) asserção *irrealis*: a proposição é fracamente afirmada como possível; a contestação é prontamente recebida e esperada;
- d) asserção negativa: a proposição é fortemente afirmada como falsa.

A modalidade deôntica envolve obrigação ou compulsão. Caracteristicamente tem sua origem em alguma ‘obrigação interna’.

A diferença entre deôntico e epistêmico não é algo tão simples de se identificar, pois ultrapassa os limites de distinção entre necessidade/obrigação e possibilidade/permissão podendo, em alguns casos, ter as interpretações sobrepostas (COATES, 1995).

De acordo com uma perspectiva semântica, o sentido deôntico denota os significados do mundo real, como a obrigação, a necessidade, a permissão, ou habilidade (SWEETSER 1982). Este sentido modal refere-se ao domínio da interação social e contrasta com o sentido epistêmico, que se refere ao domínio da razão.

Então, podemos afirmar que modalidade é interpretada como parte de uma situação interativa entre falante(s) e ouvinte(s), o que também acaba dependendo do grau de capacidade do falante para revelar de maneira clara, através da linguagem, seu nível de envolvimento com o conteúdo da asserção, no caso do ouvinte, sua capacidade para interpretá-la adequadamente.

Dessa forma podemos ter um “desencontro” entre intenção e interpretação, ou seja, no caso do uso do gerundismo, o falante pode ter a intenção de transmitir polidez com a construção *ir + estar + GER* enquanto o ouvinte pode interpretar como falta de comprometimento.

Pereira (1997, p.207) define *polidez* como um “comportamento que respeita as necessidades de aprovação e autonomia das faces do falante e do interlocutor”, para ele a polidez pressupõe um cenário virtual de conflito e sua função é desarmá-lo ou reduzir o atrito de modo a tornar possível a interação entre os sujeitos potencialmente agressivos. Brown e Levinson (1987) afirmam que existem *estratégias de polidez negativa e polidez positiva* e enumeram um conjunto significativo de estratégias negativas, tais como: ser convencionalmente indireto; utilizar

perguntas, rodeios; manifestar deferência; minimizar imposição; desculpar-se, justificar-se; impessoalizar falante e ouvinte. Dentre o conjunto numeroso de estratégias de polidez positiva destacam-se: dar atenção aos interesses, vontades, qualidades do ouvinte; exagerar a aprovação, a simpatia; intensificar interesse; buscar concordância; fazer brincadeira; fazer oferta; manifestar atitude de otimismo.

5 Analisando a modalidade no/do Gerundismo – os testes de avaliação

5.1 Grau de comprometimento do falante

Para Possenti (2008), o compromisso expresso em um construção do tipo *vou marcar* é mais incisivo do que em *estarei marcando* ou então *vou/vai estar marcando*, ou seja, o que estaria em jogo aqui, dentre outros fatores, seria o *grau de comprometimento do falante*. Para testarmos a interpretação de quem ouve esse tipo de construção, pedimos aos nossos informantes que identificassem de 1 a 6 o grau de comprometimento de quem pronuncia os enunciados. Para isso usamos a seguinte orientação:

Assinale ao lado de cada frase a impressão que você tem sobre o grau de comprometimento de quem pronuncia cada uma delas. Imagine a seguinte situação: O filho de 7 anos pede aos pais um carrinho com controle remoto para o dia da criança e o pai pode responder de diversas formas, dentre elas as alternativas abaixo. Marque de 1 a 6, se elas demonstram maior ou menor comprometimento da pessoa que fala. Obs: o nº 1 deve ser o enunciado que demonstra o **maior grau** de comprometimento do falante, o nº 2 deve ser a segunda maior e assim sucessivamente, ou seja o nº 6 deve ser o enunciado que demonstra o **menor grau de comprometimento do falante**.

() Fique tranqüilo meu filho, eu compro o brinquedo que você me pediu.

() Fique tranqüilo meu filho, eu estarei comprando o brinquedo que você me pediu.

() Fique tranqüilo meu filho, eu vou comprar o brinquedo que você me pediu.

() Fique tranqüilo meu filho, eu vou estar comprando o brinquedo que você me pediu, amanhã.

() Fique tranqüilo meu filho, eu comprarei o brinquedo que você me pediu.

() Fique tranqüilo meu filho, eu vou estar comprando o brinquedo que você me pediu.

Dessa forma, para cada enunciado obtivemos um resultado que pode ser verificado no

gráfico a seguir:

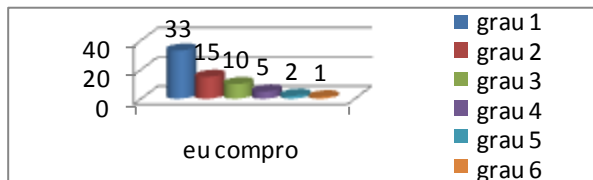


Figura 1 - gráfico representativo dos resultados obtidos para o enunciado (a)⁵

No entanto, por motivos de espaço, divulgaremos aqui apenas o resumo dos resultados. Como vemos na figura 1 a maioria dos sujeitos (33) da nossa pesquisa identificou a forma *eu compro* como sendo de grau 1 (grau máximo) de comprometimento, então, na figura 2, que apresenta a síntese dos resultados, será esse o dado exposto. E assim sucessivamente: cada um dos números que constam na figura 2 corresponde ao resultado mais alto obtido no teste de cada uma das seis frases, não mostrando avaliação categórica dos informantes, mas a mais recorrente.

⁵ Os números nem sempre somam 68, que foi o número de pessoas que realizaram o teste, pois elas tinham a possibilidade de deixar em branco uma alternativa ou então de marcar o mesmo grau de comprometimento para mais de um enunciado.

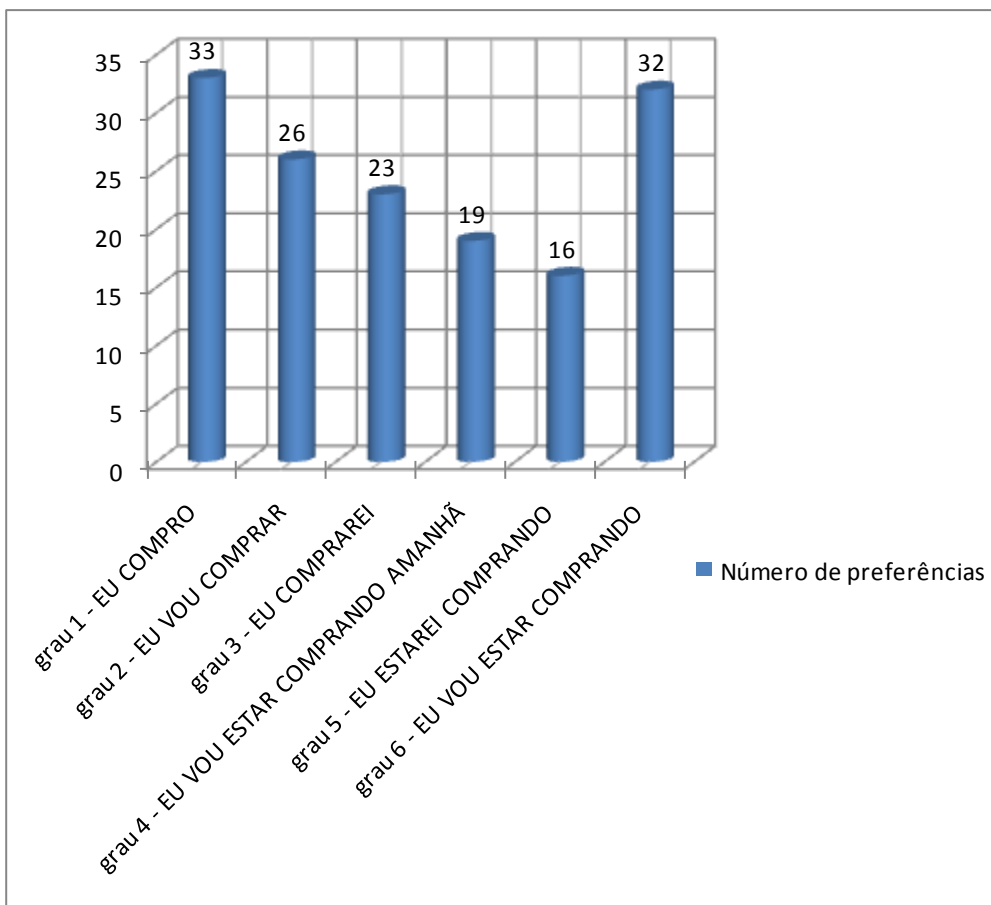


Figura 2 - Grau de comprometimento do falante

Conforme podemos verificar no gráfico da figura 2, a interpretação predominante de quem ouve a construção *vou estar –ndo* é de menor comprometimento com o que está sendo dito, obtendo grau 6 (grau mínimo de comprometimento) em 32 das respostas de um total de 68 questionários (as demais respostas que avaliam essa construção ficaram distribuídas entre os cinco graus restantes sendo que apenas uma pessoa atribuiu grau 1 a essa construção).

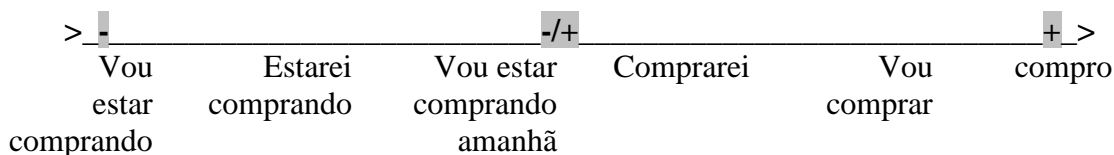
A forma *estarei –ndo* vem em segundo lugar obtendo grau 5 de comprometimento seguido da forma *vou estar –ndo amanhã* (marcação de tempo) com grau 4 de comprometimento, ou seja, das três formas de construção com gerúndio apresentadas aos nossos informantes, a que obteve o grau 4 de comprometimento é aquela que possui a marcação de tempo, nesse caso, *amanhã*, o que já era esperado pois ela está delimitando um tempo curto para a realização da

ação.

A forma verbal escolhida como representativa de maior comprometimento com o ato de *comprar*, obtendo grau 1 de comprometimento para 33 dos informantes, foi a construção que usa o verbo no presente do indicativo indicando futuro: *eu compro pra você*, indicando que a interpretação predominante é de futuro imediato. A perífrase *vou comprar* vem em seguida recebendo grau 2 de comprometimento, computando 26 ocorrências, o que já era esperado já que no PB falado a perífrase com o verbo *ir + infinitivo* é muito produtiva para indicar ações futuras. Já o futuro do presente em *comprarei* obteve grau 3 de comprometimento com 23 ocorrências, evidenciando que não é a forma predileta dos falantes para indicar *futuro + comprometimento*. Aqui vale lembrar alguns comentários ouvidos durante a aplicação dos testes como, por exemplo: i) “Eu sei que o certo pra indicar futuro é *comprarei* mas eu não uso isso”, ii) “Eu acho mais bonito o futuro do presente, mas eu sei que eu não uso, a não ser quando escrevo”, iii) “Pensando bem, deixa eu refazer o teste porque eu só uso *vou fazer* pra indicar futuro, pois eu percebi que nunca conjugo o verbo”. Ou seja, a forma sintética está perdendo espaço na marcação de futuro do PB conforme já constatado por Silva (2002), Tafner (2004), dentre outros.

Haveria aqui uma sobreposição modal, a relação seria entre a *Modalidade Epistêmica de Certeza + Modalidade Epistêmica de Descomprometimento*, conforme explicitado no item 5.3. Podemos então pensar em um *continuum* do comprometimento do falante, formulado como uma hipótese interpretativa.

Continuum dos graus de comprometimento:



A partir desses dados podemos concordar com Possenti (2008) quando ele afirma que “o compromisso expresso em *vou providenciar* é mais incisivo do que em *vou estar providencian-*

do” (p.3 grifo nosso), porém, os nossos dados não nos permitem concordar com o autor quando ele afirma que:

Mais ou menos como é mais incisivo dizer *providenciarei* do que dizer *vou providenciar*. Apelo para a intuição do leitor: não é a mesma coisa dizer haveremos de vencer e venceremos, venceremos e vamos vencer; assim como não é a mesma coisa dizer vamos vencer e vamos estar vencendo. (POSSENTI, 2008, p.4)

Em nossos testes o que os informantes afirmaram não vai nessa direção, ou seja, para eles é mais incisivo dizer *vou comprar* do que *comprarei*. No entanto, nossa amostra ainda é pequena para tirarmos conclusões definitivas.

5.2 Graus de polidez

Ainda de acordo com Possenti (2008), há outro efeito de sentido importante que está presente na construção gerundiva:

De cunho pragmático ou interpessoal. A construção gerundiva conota gentileza, formalidade, deferência (se verdadeira ou simulada, não importa). Ou seja: bem ou mal, mesmo que se trate de postergar um serviço urgente, deve-se reconhecer que a recusa, pelo menos, é expressa de forma não grosseira (nem mesmo franca, de fato). Suponhamos que seja verdade que o fenômeno começou a se espalhar a partir do telemarketing. Isso só confirmaria a análise. A qual categoria interessa mais ser ou parecer gentil? (POSSENTI, 2008, p.4)

Podemos falar então de uma sobreposição modal de *Modalidade Deôntica Volitiva + Modalidade Deôntica de Polidez* (gentileza, cerimonialidade, deferência, respeito (SILVA, 2002). Para testar essa hipótese de polidez elaboramos o seguinte teste:

Assinale ao lado de cada frase a impressão que você tem sobre o grau de polidez (cortesia, delicadeza) de quem pronuncia cada uma delas. Imagine a seguinte situação: Um chefe do departamento pessoal de uma grande empresa precisa anunciar a demissão de 50 empregados. Ele chama cada funcionário em sua sala e pode fazer isso de diversas formas, dentre elas podem ser usadas as sentenças abaixo. Obs: Assinale gradativamente aquela que parece mais delicada, ou seja, o nº 1 deve ser o enunciado que demonstra o **maior grau** de polidez do falante, o nº 2 deve ser a segunda maior e assim sucessivamente, ou seja o nº 6 deve ser a o enunciado que demonstra o **menor grau de polidez do falante**.

() A nossa empresa precisa cortar gastos para não falir, por isso demitimos você.

- () A nossa empresa precisa cortar gastos para não falir, por isso estaremos demitindo você.
- () A nossa empresa precisa cortar gastos para não falir, por isso demitiremos você.
- () A nossa empresa precisa cortar gastos para não falir, por isso iremos demitir você.
- () A nossa empresa precisa cortar gastos para não falir, por isso vamos estar demitindo você.
- () A nossa empresa precisa cortar gastos para não falir, por isso vamos demitir você.

Podemos verificar os resultados no gráfico a seguir:

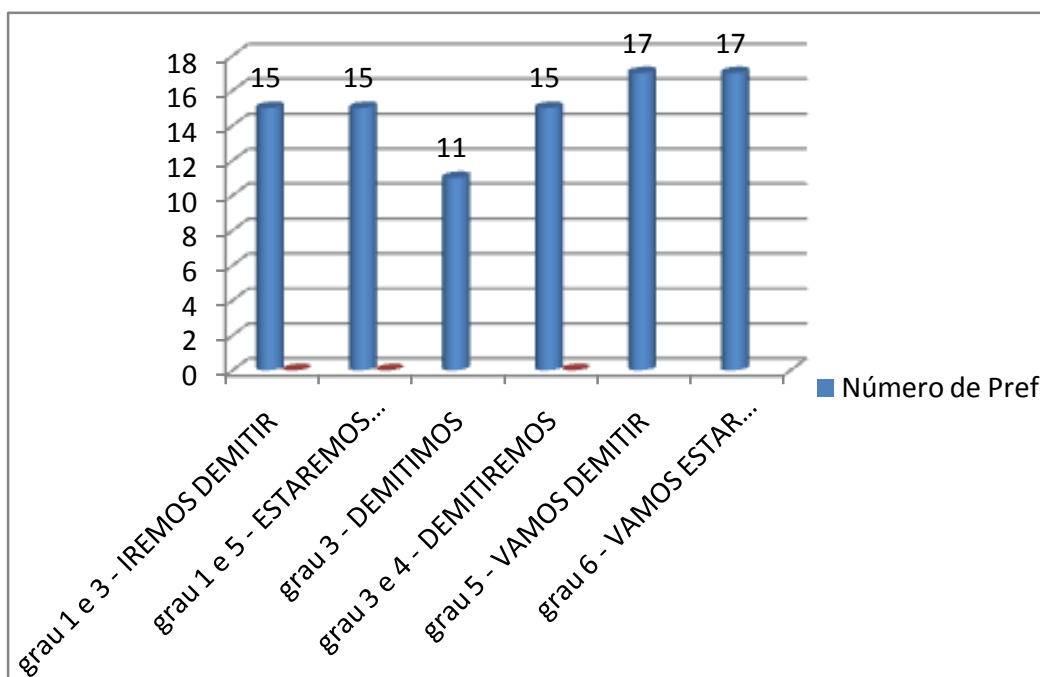


Figura 3 - grau de polidez do falante

A partir dos resultados expressos no gráfico da figura 4 podemos perceber que o teste de polidez foi o que mais apresentou variação nas respostas, ou seja, 15 informantes apontaram a forma composta *iremos demitir* como sendo de grau máximo de polidez, no entanto, outros 15 informantes assinalaram essa forma com grau 3 de polidez. O mesmo ocorreu com a perífrase *estaremos demitindo*, que obteve 15 indicações para grau máximo de polidez e outras 15 para grau 5, isto é, praticamente grau mínimo de polidez. Dessa forma podemos perceber claramente uma discrepância de opiniões.

As formas sintéticas *deditimos* e *deditiremos* obtiveram nível intermediário de polidez, respectivamente 11, 15/15 (aqui não há quase discrepância pois os graus estão contíguos (3/4)).

Já as perífrases *vamos demitir* e *vamos estar demitindo* foram eleitas como as formas mais grosseiras de se dar um comunicado de demissão a alguém.

Vale lembrar que essas opiniões podem estar divididas porque algumas parecem estar despidas de preconceitos, por vários motivos, dentre eles o fato de alguns informantes ainda estarem na fase inicial da graduação e ainda não terem uma visão formada sobre o gerundismo, enquanto outros já têm uma opinião fixa sobre essa construção e não aceitam nem sequer pensar sobre a possibilidade de ela representar qualquer das possibilidades apresentadas nesse teste. Percebemos isso, pois, em alguns testes entregues havia observações do tipo: “um chefe de departamento não pode falar assim”, “eu corrigiria essa pessoa” ou “eu não assinaei essas aqui porque não uso gerúndio”.

Talvez se esse teste fosse aplicado a pessoas com menos escolaridade os resultados seriam diferentes, pois provavelmente elas não estariam cientes dessas discussões preconceituosas sobre o gerundismo.

6 Considerações finais

Depois de tudo o que vimos e discutimos até aqui, percebemos o quanto é arriscado fazer afirmações contundentes acerca desse tema, mais ainda acerca da modalidade existente na estrutura *ir(pres.)+(es)ta(r)+gerúndio* por se tratar de uma construção que é alvo de preconceito e, principalmente, por haver muito pouco escrito sobre modalidade no gerundismo, salvo o trabalho de Silva (2002), que tratou da modalidade nas perífrases verbais de futuro, e o trabalho de Possenti (2008) quando trata da polidez presente no gerundismo.

Porém, é possível afirmar que essa construção não correspondem a nenhum “desvio” lingüístico, pois as três razões de Possenti (2008) (de ordem sintática – a regularidade da estrutura, de ordem semântica – o aspecto durativo, e de ordem pragmática ou interpessoal – gentileza, deferência, polidez) já justificam a legitimidade dessa forma perifrástica.

Além disso, concordamos com Cintra (2008) quando afirma que não há nenhuma impropriedade no uso dessa perífrase com verbos que não são durativos, embora sejam esses os casos em que o uso dessa perífrase tem se mostrado mais inovador, uma vez que não é difícil de

encontrar ocorrências como “*então pra Ana Carolina nossa aniversariante de hoje eu vô tá colocando a música...*”⁶

Por fim, podemos perceber que formas verbais do futuro, seja com gerúndio ou não, expressam uma atitude epistêmica particular do falante. A modalidade epistêmica tem relação com o conhecimento e crença (em oposição ao fato) – sua origem é usualmente o falante, que conclui a partir de evidências se a proposição é verdadeira ou não – e expressões epistêmicas são usadas para expressar o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição. Além disso, supomos neste trabalho que quando o falante usa as formas verbais do futuro, seja com gerúndio ou não, ele pode estar querendo expressar *polidez* – comportamento que respeita as necessidades de aprovação e autonomia das faces do falante e do interlocutor (PEREIRA, 1997) – nesse sentido, poderíamos sugerir que o gerundismo seria mais uma estratégia de polidez positiva, no sentido de Brown e Levinson (1987). Todavia, esse trabalho vem apenas endossar os questionamentos sobre o assunto.

7 Referências Bibliográficas

ALMEIDA SANTOS, P. T. de. *Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e a expansão da mudança*. 2008. 100f. Dissertação (mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Brasília.

BYBEE, J. et al. Back to the future. In: TRAUGOTT, E., HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Vol. II: Focus on Types of Grammatical Markers. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-58.

BROWN, P. & LEVINSON, S. C. *Politeness – Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FLEISHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GIVON, T. *Syntax: an introduction*. v. I. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

CINTRA, M. R. A perífrase ir(pres.)+(es)ta(r)+gerúndio como indicio de inovação lingüística. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, 37 (1): 233-241, jan.-abr. 2008.

⁶ (103.1 FM - 30/07/07, de uma rádio de S. J. do Rio Preto). (CINTRA 2008).

COATES, Jennifer. The expression of root and epistemic possibility in English. In.: BYBEE, J.; FLEISCHMAN S. (eds.). *Modality in grammar discourse*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1995, p. 56-66.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward, Arnold Publishers, 1985.

KRATZER, A. *Modality*. In: von STECHOW, A.; WUNDERLICH, D. (eds.). *Semantik: Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*, Berlin: Walter de Gruyter, 1991. p. 639-650.

PALMER, F.R. The definition of modality. In:_____. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 14-22.

PEREIRA, Maria das Graças Dias. Debate e réplica no discurso acadêmico escrito em Lingüística. In : Pereira, M.G.D. (org.) *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.

POSSENTI, S. Defendendo o gerúndio. *Discutindo língua portuguesa* (revista). Ano 1, nº 1. São Paulo: Escala Educacional, 2005. p. 8-11.

_____. *Defendendo o Gerúndio*. Disponível em: <<http://blog.ftc.br/ftcdigital/?p=196>>. Acesso em 24 de nov. de 2008.

SERAFIM, R. L. *Do Gerúndio ao Gerundismo: Mudança e Preconceito Lingüístico*. Salvador, 2008. 81f. Monografia de Bacharel em Letras. UFB.

SWEETSER, E. E. *Modality*. In.:_____ *From etymology to pragmatics: methaphorical and cultural aspects of semantic structures*. Cambridge University Press. 1990, p. 49-75.

SILVA, A. *A expressão da futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura acadêmica Editora, 2002.

SOUSA, G. A. de. *Vou estar fazendo....um estudo funcionalista dessa forma perifrástica na fala de professores*. 2008. (UFRN/PPGEL). Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT28/trabalho%20completo%20Humanidad es-%20Gisonaldo%20Arcanjo%20de%20Sousa.pdf>>. Acesso em 27 de out. de 2009.

TAFNER, E. P. *As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista*. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.